

Michel Foucault e as condições de possibilidade do evolucionismo de Darwin

Leonardo Augusto Luvison Araújo *

Aldo Mellender de Araújo [∞]

Resumo: A História e a Filosofia da Biologia ocupam um papel de destaque nas reflexões de Michel Foucault. Nesse sentido, o presente artigo discute a visão de Foucault a respeito das condições de possibilidade do evolucionismo de Darwin. Foucault considera que as classificações biológicas de Georges Cuvier (1769-1832) foram historicamente necessárias para o discurso darwinista, colocando o autor mais próximo de Darwin do que Lamarck. Foucault admite que Lamarck propôs uma teoria da transformação das espécies e que Cuvier não concebia a mudança biológica. No entanto, o autor argumenta que a Biologia precisou passar por Cuvier para introduzir a ideia fundamental de que as espécies biológicas são produtos de forças históricas, fornecendo o arcabouço teórico que tornou possível a teoria de Darwin. Essa interpretação pode propiciar importantes questões para as discussões atuais de Filosofia e História da Biologia.

Palavras-chave: filosofia da biologia; história da biologia; Foucault, Michel; Darwin, Charles Robert; arqueologia do saber; Cuvier, Georges

Michel Foucault and the conditions of possibility of Darwin's evolution

* Mestrando em Genética e Biologia Molecular. Departamento de Genética e Biologia Molecular, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Bento Gonçalves, 9500, Caixa Postal 15.053, 91501-970 Porto Alegre, RS. E-mail: leonardo_luvison@hotmail.com

[∞] Departamento de Genética e Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Bento Gonçalves, 9500, Caixa Postal 15.053, 91501-970 Porto Alegre, RS. E-mail: aldo1806@gmail.com

Abstract: The History and Philosophy of Biology provide important issues for Michel Foucault. In this way, this paper presents Foucault's view concerning the conditions of possibility of Darwin's evolution. Foucault considers that Cuvier's biological classification was a condition historically necessary for the Darwinian speech, placing Cuvier much more close to Darwin than Lamarck. In spite of admitting that Lamarck proposed a theory of transformation of species and Cuvier did not accept the biological changing, Biology needed Cuvier's contributions to introduce the idea that species are the result of historical forces, which provided the conceptual framework that made Darwin's theory of evolution possible. This view may provide interesting aspects for discussion in History and Philosophy of Biology.

Key-words: philosophy of biology; history of biology; Foucault, Michel; Darwin, Charles Robert; archaeology of knowledge; Cuvier, Georges

1 INTRODUÇÃO

A problematização da Biologia ocupa um papel de destaque nas reflexões do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). O conceito de vida foi fundamental em seu pensamento, sendo abordado de diferentes maneiras em obras como *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*. A centralidade que a reflexão sobre a vida ocupa na filosofia política contemporânea fez com que Foucault explorasse conceitos como os de biopolítica, biopoder e tanatopolítica. A introdução desses conceitos, de certa forma, torna-se herdeira de suas reflexões sobre a Biologia, onde Foucault debate as ideias de espécie, meio e população.

O autor ainda teve intenso interesse pela história da Biologia, tanto que, em sua aula inaugural no *Collège de France*, comenta aspectos do trabalho de Mendel e elogia os estudos históricos de François Jacob (1920-2013), biólogo molecular contemporâneo de Foucault (Foucault, 1971)¹. Nessa seara, não pode ser negligenciado que Foucault defendeu uma tese de doutorado orientada por Georges Canguilhem (1904-1995). É inegável a aproximação que Foucault tem com a epistemologia francesa como desenvolvida por seu orientador,

¹ Em "crescer e multiplicar", publicado no jornal *Le Monde* (n. 8.037, novembro de 1970), Foucault comenta com mais detalhe *La logique du vivant: une histoire de l'hérédité*, ([1970], 1985), de François Jacob.

muito voltada para a reflexão da história das ciências (Nalli, 2002). Por estas razões, o pensamento de Foucault pode ser considerado de relevância nas discussões atuais de Filosofia e História da Biologia.

Este artigo procura discutir o pensamento do autor, particularmente sobre a sua interpretação das condições históricas que tornaram possível o evolucionismo de Darwin. Na obra *As palavras e as coisas* ([1966], 2007), o autor discute a formação da Biologia e argumenta que na transição entre a história natural (na Idade clássica) e a Biologia (na Idade moderna) estão algumas das principais condições históricas de possibilidade da obra de Darwin. Nesse sentido, Foucault afirma que as classificações biológicas de Georges Cuvier (1769-1832) foram constitutivas dessa transição, mesmo que Cuvier tenha feito uma Biologia sem evolução.

A interpretação de Foucault não deve ser entendida no sentido de que a obra de Cuvier determinou diretamente o evolucionismo de Darwin. O que Foucault discute especificamente é o lugar do sistema de classificação de Cuvier dentro de uma abordagem comum à *episteme* moderna, presente também na linguística e economia, pertencendo todas a um mesmo “evento arqueológico”. É apenas no contexto de uma “lógica” global, em que os discursos são apropriados, que podemos compreender como Cuvier foi uma condição historicamente necessária para o discurso darwinista que surgiu posteriormente.

Para entender em que sentido isso ocorreu, vamos fazer um contraste com a história natural na Idade clássica e os afastamentos que ela constitui com o pensamento de Darwin, tendo como figura alguns aspectos da obra de Lamarck salientados por Foucault (seção 2). Na seção 3, vamos detalhar as teses de Foucault que sustentam como a contribuição de Cuvier foi uma condição historicamente necessária para o discurso de Darwin. Pretendemos, também, discutir alguns desdobramentos históricos da interpretação de Foucault (seção 4).

2 A REPRESENTAÇÃO DOS SERES VIVOS NA HISTÓRIA NATURAL E O AFASTAMENTO ENTRE DARWIN E LAMARCK

A história natural na Idade clássica representava as *coisas* na linguagem tão exatamente quanto possível, reduzindo a distância entre as *palavras* e as *coisas* (Foucault, 2007). Os objetos da história natural estavam dispostos em herbários, coleções e jardins, espaços que possibilitavam uma “nomeação do visível” (Foucault, 2007, p. 181). Esses espaços foram condição de possibilidade da história natural e do aparecimento de seus objetos filtrados, vinculando o olhar ao discurso:

O gabinete de história natural e o jardim, tal como são organizados na idade clássica, substituem o desfile circular do “mostruário” pela exposição das coisas em “quadro”. O que se esgueirou entre esses teatros e esses catálogos não foi o desejo de saber, mas um novo modo de vincular as coisas ao mesmo tempo ao olhar e ao discurso. Uma nova maneira de fazer história. (Foucault, 2007, p. 180)

Essa disposição geral do saber ordenou o conhecimento dos seres vivos segundo a possibilidade de representá-los: um quadro contínuo, ordenado e universal era exigido, pois permitia descobrir categorias gerais em uma natureza ordenada. O problema da ordem dos seres vivos passa a se tornar razão de ser da história natural do século XVIII. Uma ordem só pode ser garantida com base em uma visão de continuidade da natureza, a qual projeta uma escala hierárquica que responde perfeitamente à ideia de uma grande cadeia do ser.

Dessa forma, mesmo que o naturalista Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829) atribua aos seres vivos o poder de se transformar, ainda se têm nesse autor as transformações das espécies a partir do princípio da continuidade. Para Foucault, Lamarck não deixa de ter uma descrição fundamentada em uma representação da história natural. Mesmo que Lamarck deduza uma relação de transformação nas espécies, o seu sentido é único – uma série linear do simples para o complexo:

Lamarck só pensava as transformações das espécies a partir da continuidade ontológica que era a da história natural dos clássicos. Ele supunha uma gradação progressiva, um aperfeiçoamento ininterrupto, uma grande superfície dos seres que podiam formar-se uns a partir dos outros. O que torna possível o pensamento de Lamarck não é a apreensão longínqua de um evolucionismo por vir; é a continuidade dos seres. (Foucault, 2007, p. 379)

Lamarck acreditava em um tempo natural dinâmico, no qual tanto a Terra quanto os seres vivos sofrem contínuas transformações; contudo, as espécies ainda são representadas por ele em um quadro da história natural, particularmente em relação ao aperfeiçoamento contínuo. É desse modo que o lugar do ser vivo já está marcado na cadeia dos seres:

Ora, pelas massas de animais, entendo as classes de naturais e as grandes famílias, quer dizer, as grandes porções reconhecíveis da ordem da natureza; dizendo que é unicamente pela colocação dessas porções da ordem da natureza que a série geral pode ser formada, eu me fundamento sobre o conhecimento adquirido, que nos ensina que os animais que compreendem cada uma dessas classes ou dessas grandes famílias, apresentam em sua organização um sistema de órgãos que lhe é próprio e essencial; e sobre o que esses sistemas particulares de órgãos diferem entre eles de uma maneira evidente por graus de complicação e de aperfeiçoamento de organização, que fixa, sem arbitrariedade de nossa parte, o lugar que cada um deles deve ocupar na série geral. (Lamarck, 1806, apud Martins, 1997, p. 41)

Apesar de Lamarck admitir a presença de “lacunas” nessa escala e negar uma mistura entre os reinos, isso não impedia a progressão linear das *massas* – uma tendência para o progresso na escala animal, ou uma degradação, no sentido inverso. Darwin afasta-se de Lamarck ao inverter a ordem estabelecida na natureza: a evolução darwinista só favorece o que já existe – a variação e a seleção natural são dependentes das condições de existência (Jacob, 1985, p. 244). Apesar de Lamarck atribuir às mudanças nas condições de vida a emergência de determinada espécie, ela não muda sua natureza, a qual é determinada pelo princípio de continuidade de uma hierarquia previamente instaurada para o aperfeiçoamento. A escala natural é dada previamente e o tempo serve apenas para o progresso na cadeia dos seres (Foucault, 2007).

A posição de Lamarck em relação à Biologia e ao evolucionismo pode ser interpretada como expressão de uma transição entre as *epistemes* clássica e moderna. Embora Lamarck apresentasse elementos da Biologia, como a submissão dos caracteres a uma arquitetura interna da organização, ele ainda pensava as transformações das espécies a partir da continuidade ontológica da história natural (Foucault, 2007, p. 379). Desse modo, ele apresenta elementos de ambas *epistemes*. Para

François Jacob, “Lamarck se situa no limite exacto entre os séculos XVIII e XIX. Mais que qualquer outro, talvez, ele participe nessa reviravolta de atitude pela qual o vivente se isola do mundo inanimado e se constitui uma biologia” (Jacob, 1985, p. 214).

3 AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADES DO DARWINISMO NA BIOLOGIA DA IDADE MODERNA

A configuração entre representação e objeto na história natural muda no final do século XVIII. A disposição do visível e do enunciável passa pela espessura dos seres vivos: há uma transformação essencial, o deslocamento do conhecimento para o plano da organização interna (Foucault, 2007). O *character* passa a ser ligado e subordinado às *funções* – a Biologia moderna procura semelhanças e diferenças funcionais, não mais estabelecendo apenas identidades e diferenças estruturais. A ideia de organização possibilitou ao conhecimento da vida um conjunto integrado de funções: os seres vivos não possuem mais uma estrutura isolada, mas se inserem na natureza a partir das relações funcionais.

O conceito de organização já existia na história natural do século XVIII, mas como Foucault assinala, esse conceito não servira até o início do século XIX para fundar a ordem da natureza (Foucault, 2007, p. 318). A Biologia introduz a organização como um espaço profundo que articula os caracteres dos seres vivos. O conhecimento da vida articula-se na profundidade dos organismos, desafiando o projeto de uma taxonomia geral, de uma ordem natural:

Enquanto, para o pensamento do século XVIII, o fóssil era uma prefiguração das formas atuais e indicava assim a grande continuidade do tempo, será doravante a indicação da figura à qual realmente pertenciam. A anatomia não somente quebrou o espaço tabular e homogêneo das identidades; rompeu a suposta continuidade do tempo. (Foucault, 2007, p. 373)

Para Foucault, essas rupturas encaminham-se principalmente a partir dos estudos de Cuvier, o qual participa de uma série de circunstâncias históricas e condições epistemológicas que fizeram com que a vida surgisse com a sua especificidade própria. Trata-se, em primeiro lugar, do estudo da anatomia comparada, a qual indica que a vida está

ligada à noção de organização. Como Foucault observa, a gestação do conceito de vida tem como possibilidade novos métodos e novas técnicas de observação e análise, como a relação entre caractere–função, a correlação das partes e a subordinação dos caracteres (Foucault, 2007, p. 314).

Em *A posição de Cuvier na história da Biologia* ([1970], 2008), Foucault também apresenta o autor como condição de possibilidade para a reorganização da variação e do indivíduo no saber biológico. Na taxonomia clássica havia um limiar epistemológico e ontológico entre diferentes níveis taxonômicos: no nível indivíduo-espécie estava presente um limiar epistemológico, pois o conhecimento científico operava apenas acima do nível individual, tendo como objeto as categorias gerais que definem as espécies (Foucault, 2008, p. 194). Acima do nível de espécie, havia um limiar ontológico, na medida em que não se atingia uma “realidade” diretamente a partir do nível supraespecífico. Segundo Foucault (2008), Darwin vai encontrar no indivíduo a trama ontológica e epistemológica da evolução, mostrando que as variações individuais estabelecem a realidade de uma genealogia que abrange níveis taxonômicos acima de espécie.

A partir da anatomia comparada como instrumento para classificação taxonômica, Cuvier conferiu o mesmo caráter ontológico aos diferentes níveis taxonômicos, apagando o limiar presente na história natural. Isso ocorreu no sentido de que as categorias taxonômicas não são apenas regiões de semelhanças arbitrárias – em que a espécie apresenta algumas características em comum – mas uma estrutura anatomofisiológica analisável, um modo de existência.

De acordo com Faria (2011), a tendência à permanência de caracteres na evolução dos organismos era explicada por Darwin devido aos limites impostos pelo princípio das condições de existência cuvieriano: sem esses limites, as espécies poderiam variar indefinidamente².

² Por condições de existências, Cuvier concebe o conjunto de correlações fisiológicas compatíveis entre si: “como nada pode existir sem que reúna as condições que tornem sua existência possível, as diferentes partes de cada ser devem estar coordenadas de maneira a tornar possível a totalidade do ser, não somente consigo mesmo, mas nas relações que mantém com aqueles que lhe entornam” (Cuvier, 1817, *apud* Faria, 2011, p. 3).

Alguns caracteres dos organismos em evolução permanecem sem alteração, pois as diferentes partes do organismo devem estar coordenadas de maneira a tornar possível a totalidade da organização. As relações filogenéticas são estabelecidas desse modo, pois a manutenção de caracteres que variam menos permite o estabelecimento das relações taxonômicas, uma vez que esta permanência pode ser explicada pela existência de laços de parentesco, fundamentais para elaboração de genealogias (Faria, 2011, p. 7).

Dessa forma, não se pode dizer que um gênero exista “menos” que uma espécie, pois ambos possuem características anatomofisiológicas distinguíveis (Foucault, 2008, p. 196). Em Darwin, o indivíduo é o *locus* privilegiado, sendo que as espécies e as outras categorias taxonômicas são igualmente “reais”, dependendo de onde se olha para uma árvore evolutiva. Essa questão é ilustrada pela árvore construída por Darwin na *Origem das Espécies* (Darwin, 1872, p. 91).

Na árvore de Darwin, as espécies têm a sua existência definida porque os indivíduos dessa categoria compartilham um recente ancestral comum. Do mesmo modo, diferentes espécies fazem parte de um mesmo gênero por compartilhar um ancestral comum mais antigo. Esse raciocínio pode ser feito para diferentes categorias taxonômicas que, apesar de não serem entidades materiais, representam processos evolutivos reais.

Em Darwin também não há um limite entre as espécies e as subespécies ou entre as subespécies e as variedades bem características, nem mesmo entre as variedades apenas sensíveis e as diferenças individuais. Fica claro nos estudos de Darwin que a partir da variação individual, conjunta com a seleção, se tem o aumento do grau de diferenciação e, possivelmente, a formação de novas espécies. Pode-se dizer que uma variedade é o início de uma espécie: “de acordo com o meu ponto de vista, as variedades são espécies em processo de formação, ou seja, como as tenho chamado, espécies incipientes” (Darwin, 1872, p. 86).

Foucault defende, portanto, três teses em que Cuvier foi condição de possibilidade para Darwin:

Tese 1. Cuvier quebra a cadeia dos seres: a série única em que os organismos gradualmente passariam é quebrada a partir da organização dos seres vivos, que impossibilita uma gradação das espécies em

um quadro completo. Não há uma cadeia linear, pois os seres vivos são entendidos como “pacotes” de organização: de uma categoria à outra de ser vivo há todo um plano anatômico e funcional, que não constitui uma série linear de transformações³ (Foucault, 2008, p. 214).

Tese 2. Cuvier possibilita tratar o indivíduo não apenas pela forma dada, mas como uma organização que satisfaz o princípio das condições de existência: as variações biológicas devem respeitar os limites impostos pela viabilidade anatomofisiológica. Isso possibilitou a “crítica da espécie” de Darwin e que fosse estabelecido o mesmo caráter ontológico aos diferentes níveis taxonômicos, apagando o limiar presente na história natural.

Tese 3. Ao confrontar o tempo com o princípio das condições de existência, se tem uma conexão do organismo com o ambiente, o qual opera um fator causal externo no organismo, essencial para sua sobrevivência. A vida compreendida a partir das correlações estabelecidas entre a hierarquização de estruturas internas e as funções vitais deixará de se apresentar como uma realidade ancorada no espaço taxonômico estático. Agora se trata de compreendê-la a partir das condições de existência, em um meio concreto. Desse modo, tem-se a condição de possibilidade para a introdução da historicidade da vida: na idade clássica os indivíduos poderiam existir temporalmente, mas sua natureza não era determinada pelo tempo extrínseco.

A partir de Cuvier, se passará da história ordenada dos seres vivos para uma história descontínua. Essa descontinuidade aplicada aos seres vivos está marcada pela presença da exterioridade, que representa o meio onde a organização tem a sua possibilidade. Contudo, a referência aos seres circundantes e a preocupação com as condições do meio em que os organismos estão expostos não representa um papel relevante no princípio das condições de existência cuvieriano. Esse conceito em Cuvier tinha mais a ver com o fato de que as partes dos organismos exercem uma ação recíproca entre si, mantendo o corpo organizado. O meio físico seria necessário para compreender

³ É bem verdade que se poderia obter alguma escala natural das espécies a partir da organização, mas seria algo como séries paralelas, nunca uma única grande cadeia dos seres (Foucault, 2008). Caponi (2008) argumenta que Cuvier rechaçou explicitamente uma ideia de série ou escala dos seres vivos.

essa organização, mas não no sentido de uma relação “ecológica”, com referência adaptativa. Trata-se mais de uma correlação funcional em referência à coerência interna do organismo (Caponi, 2008, p. 42).

Foucault (2008) estava consciente de que o meio para Cuvier era algo mais genérico, distinto do modo como Darwin concebeu o princípio das condições de existência. Contudo, o autor não explora as mudanças que Darwin precisou operar para superar essa “negligência”. Darwin fez uma extensão do sentido cuvieriano das condições de existência para o princípio das condições de vida, a partir da quinta edição da *Origem das Espécies*, deixando claro o papel do entorno em que o organismo se insere:

A expressão condições de existência, tão frequente e insistentemente ressaltada pelo ilustre Cuvier, é englobada pelo princípio da seleção natural. Pois, a seleção natural atua tanto agora, adaptando as várias partes de cada ser a suas condições orgânicas e inorgânicas de vida, como atuou adaptando-as durante períodos remotos; as adaptações são auxiliadas, em muitos casos, pelo uso e desuso, sendo afetadas pela ação direta das condições de vida e submetidas a inúmeras leis de crescimento e variação. Dessa forma, de fato, a lei das Condições de Existência é a lei maior, já que inclui, através da herança de variações e adaptações, a lei da Unidade do Tipo. (Darwin, 1872, p. 166-167)

As condições de vida podem ser consideradas cruciais para a evolução das formas orgânicas. Por um lado, há um sentido cuvieriano para esse princípio: Darwin discute a transformação por correlação, em que o homem, ao selecionar uma particularidade dos organismos domésticos, quase sempre modifica, involuntariamente, outras partes da estrutura (Darwin, 1872, p. 9). A analogia com a seleção artificial se estende para a seleção natural. Por outro lado, as “mudanças nas condições de vida são de grande importância para a variabilidade, tanto pela ação direta na organização quanto pela ação indireta no sistema reprodutivo” (Darwin, 1872, p. 31).

Na *Origem*, Darwin apresenta inúmeros exemplos em que se baseiam os seus argumentos de que as mudanças nas condições de vida são de grande importância para a variabilidade. Mas foi na obra *The variation of animals and plants under domestication*, publicada em 30 de janeiro de 1868, que Darwin apresenta uma interpretação mais apro-

fundada das variações no estado doméstico e selvagem. É nessa obra que o autor deixa mais evidente a sua forte posição sobre a variação biológica: “se fosse possível expor todos os indivíduos de uma espécie, durante muitas gerações, a condições de vida absolutamente uniformes, não haveria variabilidade” (Darwin, 1875, II, p. 242).

4 É POSSÍVEL FALAR DE UM EVOLUCIONISMO NA HISTÓRIA NATURAL DA IDADE CLÁSSICA?

Antes da primeira edição da *Origem das espécies*, uma teoria transformacional havia sido abordada de diferentes maneiras por Lamarck, Etienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1884), Charles Bonnet (1720-1793), entre outros. No entanto, como Foucault nos mostrou, não é tão simples procurar as condições que permitiram o pensamento evolucionista de Darwin. Até mesmo autores fixistas, como Cuvier, tornaram possível o trabalho de Darwin. Para Foucault (2007), deve-se procurar na ruptura entre a *episteme* clássica e moderna as principais condições para o aparecimento histórico do darwinismo.

Isso não significa dizer que podemos desconsiderar a importância dos autores transformacionistas da história natural para a iniciativa intelectual de Darwin. O que Foucault nos apresenta é que a Biologia do século XIX pôde finalmente se desprender de uma harmonia pré-estabelecida dos seres vivos. O empreendimento de Foucault, dessa forma, não procurou definir o que Lamarck e Cuvier fizeram para constituir a racionalidade do darwinismo, mas averiguar certos elementos, regularidades na formação discursiva da evolução darwinista que é compartilhada na formação da Biologia moderna.

A principal questão levantada por Foucault é que podemos não ter um sucesso interpretativo da história natural da Idade clássica ao colocá-la no mesmo sistema de crenças da Biologia. A Biologia foi condição histórica para alguns aspectos da evolução de Darwin, pois é nela que surge a vida em sua coerência das condições de existência, a própria possibilidade da historicidade dos seres vivos e a explicação de tipo variacional ou seletional da evolução. Podemos dizer, portanto, que de acordo com a visão adotada por Foucault, as principais características definidoras do evolucionismo de Darwin são produtos da Biologia na modernidade.

Esta interpretação tem implicações para a historiografia da Biologia. Nas palavras de Foucault:

Pretende-se fazer histórias da biologia no século XVIII; mas não se tem em conta que a biologia não existia e que a repartição do saber que nos é familiar há mais de 150 anos não pode valer para um período anterior. E que, se a biologia era desconhecida, o era por uma razão bem simples: é que a própria vida não existia. Existiam apenas seres vivos e que apareciam através de um crivo do saber constituído pela *história natural*. (Foucault, 2007, p. 174-175)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou analisar o pensamento de Foucault a partir de um tema de interesse para a história e filosofia da Biologia. No entanto, não devemos tomar esse exemplo como o desenvolvimento de um método monótono ou uma estratégia particular do autor, pois cada um dos estudos de Foucault é a expressão de uma variedade de abordagens histórico-filosóficas. O autor fez um uso similar de uma “história conceitual”, como abordado nos trabalhos de seu mentor Georges Canguilhem, quando ele interpreta que a evolução darwinista teve como condição de possibilidade Cuvier, o qual está mais próximo de Darwin que Lamarck (Gutting, 2005). Foucault admite que Lamarck desenvolveu uma teoria da transformação e que Cuvier não concebia a mudança biológica. No entanto, o autor argumenta que a Biologia precisou passar por Cuvier para que a ideia fundamental de que as espécies biológicas são produtos de forças históricas fosse introduzida. Para Foucault, a “evolução” lamarckiana não configura uma história verdadeira dos seres vivos, pois seria uma questão dos organismos ocuparem sucessivamente lugares pré-estabelecidos na natureza, os quais são independentes das forças históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPONI, Gustavo. *Georges Cuvier, un fisiólogo de museo*. Mexico (D.F.): Limusa, 2008.
- CUVIER, Georges. *Le règne animal*. Paris: Deterville, 1817.

- DARWIN, Charles. *On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle of life* [1859]. 6th edition. London: Murray, 1872.
- . *The variation of animals and plants under domestication* [1868]. 2nd edition. London: Murray, 1875. 2 vols.
- FARIA, Felipe. O princípio das condições de existência na história natural darwiniana e cuvieriana. *Investigação Filosófica*, **1**: 1-12, 2011.
- GUTTING, Gary (ed.). *The Cambridge Companion to Foucault*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Companion to philosophy)
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: lição inaugural no 'Collège de France'*. Pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad. Edmundo Cordeiro. Paris: Edições Gallimard, 1971.
- . *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- . A posição de Cuvier na história da biologia. Pp. 192-230, *in*: MOTTA, Manoel Barros (org). *Ditos & Escritos Vol. II, Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento/Michel Foucault*. Trad. Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- JACOB, François. *A lógica da vida* [1970]. Trad. J. Serrano e Manuel Palmeirim. Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- MARTINS, Lilian. A cadeia dos seres vivos: a metodologia e epistemologia de Lamarck. Pp. 40-46, *in*: ALVES, Isidoro Maria & GARCIA, Elena Moraes (eds.). *Anais do VI Seminário de História da Ciência e Tecnologia da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 1997.
- NALLI, Marcos. Arqueologia e epistemologia: ensaio de caracterização do saber como objeto de investigação da arqueologia foucaultiana. *Perspectiva filosófica*, **9** (18): 55-67, 2002.

Data de submissão: 17/11/2014

Aprovado para publicação: 05/12/2014